

## VARRÃO E OS LUPERCOS – HISTÓRIA E ORIGENS

Profa. Dra. Maria Lucilia Ruy (USP)

### RESUMO

Neste artigo, buscamos explicar a etimologia da palavra *lupercus*, trazendo a contribuição de Varrão sobre o assunto, e apresentando o que pensam alguns escritores gregos e romanos sobre as Lupercalia, festa purificadora, como reforço para tal explicação. Sabe-se que a analogia é uma das formas de se explicar a formação de palavras e que Varrão trata desse tema em seu *De Lingua Latina* (DLL). Buscamos demonstrar aqui como a analogia pode explicar a etimologia dessa palavra, tratando mais detidamente sobre a contribuição do escritor reatino para elucidar a etimologia de *lupercus* como composto de *lupus* e *arcere*, cf. o grego *luko-ergh* (aquele que afasta os lobos; que mata os lobos).

**Palavras-chave:** Etimologia, Linguística histórica, Letras Clássicas, Mitologia.

*Lupercalia dicta quod in Lupercali Luperci sacra faciunt.*(Varrão, DLL VI, 23)  
(...) *ego magis arbitror Februarium a die februatio quod tum februatur populus id est Lupercis nudis lustratur antiquum oppidum Palatinum gregibus humanis cinctum.*(Idem, ibidem, VI, 34)<sup>1</sup>

Refere-se Varrão a uma das festividades romanas que muita controvérsia causou, segundo Riposati (1978, p. 57). Controvérsia porque a sua origem, o seu conteúdo religioso, as suas formalidades de celebração possuem conexões com alguns mitos gregos, e com costumes primitivos do mundo antigo – o que gera alguma confusão entre os historiadores, porque essas conexões acabam fazendo com que essa festa seja confundida com outras práticas, como as de ocultismo, as de cura de doenças ou para se obter colheitas fartas. Varrão trata de aspectos ligados às atribuições específicas das Lupercalia, além de falar da etimologia de *lupercus*, mas nos interessa o seu raciocínio sobre o significado desse termo – tão importante também para elucidar esses outros aspectos dessa festa.

Ernout & Meillet afirmam que *lupercus* seria “o deus (ou homem) lobo”, ou “a deusa loba” que amamentou Remo e Rômulo, e corresponderia ao (deus-lobo)<sup>2</sup> dos Árcades. E ainda indicam outras duas etimologias: uma seria a justaposição de *lupus* e *hircus* – porque os lupercos usavam peles de cabra para cobrirem o corpo, e levavam tiras dessas peles em seus rituais – que significaria lobo-bode, mas que, segundo eles próprios, seria muito pouco provável. E a outra, o composto de *lupus* e *arceo*, por analogia a *nouerca* (= *noua* + *arceo*) – por eles considerada como a mais concebível.

Explicar a história de uma palavra por analogia é algo que se procura fazer desde a Antiguidade. Varrão trata em *De Lingua Latina* sobre esse tema, em torno do qual já naquela época muita discussão havia: a famosa querela entre analogistas (alexandrinos) e anomalistas (estoicos). Para os primeiros, a língua é essencialmente sistemática e regular, e o sistema por meio do qual as palavras designam as coisas do mundo é arbitrário, resultado de convenção. E, para os segundos, a língua é natural, e as palavras representam a essência das coisas, numa relação direta com as coisas que nomeiam.

Hoje em dia, são considerados tanto os procedimentos dos analogistas quanto os dos anomalistas, isto é, muitos dos estudos linguísticos levam em conta não apenas as mudanças fonéticas,

---

<sup>1</sup> Primeira epígrafe: “Foram ditas Lupercalia porque no Lupercal os lupercos fazem sacrifício”. Segunda: “(...) eu considero que *Februarius* deriva mais de “dia de purificação” (*dies februatus*) porque então o povo é purificado (*februatur*), isto é, estando nus os lupercos, a antiga cidade Palatina é purificada, rodeada por uma grande multidão de pessoas”.

<sup>2</sup> O epíteto **Zeus Liceu** (*Zeus Lykaios*, “Zeus-lobo”) era atribuído a Zeus apenas quando associado ao festival arcaico das Liceias, no Monte Liceu, o pico mais alto da Arcádia. Zeus tinha uma associação apenas formal [no mito fundador do banquete de Licaon para os deuses, no qual havia sido incluído entre os ingredientes a carne de um sacrifício humano – talvez um dos próprios filhos de Licáon, Nictimo ou Arcas – Zeus teria derrubado, enfurecido, a mesa e atingido a casa de Licáon com um raio]; seu patronato pode ter sido apenas pouco mais que formulaico com os rituais e mitos deste rito de passagem que envolviam a ameaça antiga de canibalismo e a possibilidade de uma transformação em licantropo para os efebos que dele participavam. Nas proximidades da antiga pilha de cinzas sobre a qual eram efetuados os sacrifícios, se encontrava um recinto proibido no qual, supostamente, nenhuma sombra jamais era projetada. De acordo com Platão (*República*, 565 d-e), um clã específico se reuniria na montanha para fazer um sacrifício a Zeus Liceu, a cada nove anos, e uma pequena quantidade de entranhas humanas era acrescentada às entranhas do animal sacrificado; aquele que consumisse o pedaço de carne humana supostamente se transformaria num lobo, e voltaria à forma humana apenas se não voltasse a consumir carne humana até o fim do próximo ciclo de nove anos.

para as quais são estabelecidas leis com base na regularidade dessas alterações, como também a existência de exceções e anomalias. O que se considera um avanço porque anteriormente os casos considerados como irregularidades eram simplesmente desprezados e não analisados, pois eram entendidos como fortuitos e casuais. Varrão, que já em sua época, no livro X do *De Lingua Latina*, apontara para a validade de ambos os princípios e a importância de utilizá-los conjuntamente, não foi inteiramente compreendido e então era considerado como conciliador. Não havia meio termo: os estudiosos desenvolviam suas análises ou pela perspectiva analogista ou pela perspectiva anomalista.

Para Michel Bréal (1992, p. 53), o homem é naturalmente um imitador e quando inventa uma palavra nova mais do que depressa prefere tomar uma já existente como modelo a se esforçar por uma autêntica criação. Para tanto a analogia funcionaria apenas como meio; um recurso para encontrar uma expressão mais fácil, que não exigiria esforço de qualquer espécie. E então a palavra a partir da qual foi gerada essa expressão mais fácil acabaria abandonada e colocada fora de uso. Ou ainda um recurso para encontrar uma expressão com a qual se consiga maior clareza, para não haver imprecisão no momento da comunicação, não deixando espaço para a ambiguidade. O povo soluciona pelos meios mais simples qualquer dificuldade encontrada no desenvolvimento da sua linguagem.

Para ele, está profundamente arraigada no povo a ideia de que a linguagem obedece a leis fixas. A regra, uma vez admitida é obedecida e aplicada. Portanto, seria a analogia que dá ao povo a certeza de se fazer compreender mesmo quando é criada uma palavra nova. E complementa: é preciso ver a analogia como uma condição primordial de toda linguagem.

Gladstone de Melo, por sua vez, afirma a analogia como uma força poderosa que atua para a conservação das línguas, para a sua preservação, sua restauração. A ação da analogia manteria a unidade interna da língua e criaria novas formas sem que fosse perturbado – mas sim reforçado – o seu sistema. Caberia ao linguista, e ao filólogo, estudar os efeitos que são produzidos pela analogia nas línguas.

Ao lado dessa força imanente – ainda segundo Gladstone de Melo – que opera no sentido da uniformidade, da coerência, de nivelamento e polimento das arestas da língua, haveria outro tipo de força da analogia: a força criadora. E ela seria a responsável pelo surgimento de novas formas (novas palavras) que ao entrarem em concorrência com a forma preexistente a levariam ao desuso. Nesse processo, o elemento ativo que gera a nova palavra seria o paradigma, o grupo regular e afinado que serviu de modelo para a essa cunhagem.

Então, por esse ponto de vista, pode-se dizer que a etimologia de *lupercus* como composto de *lupus* e *arceo* por analogia a *nouerca* é realmente a mais acertada dentre as outras possibilidades? A história das *Lupercalia* poderia ajudar nessa elucidação.

Os dados sobre essa festividade foram recolhidos de formas diferentes pelos antigos historiadores, antiquários, gramáticos, poetas que a estudaram. E por isso nem tudo o que foi transmitido sobre os *lupercos* é criticamente aceitável, e mesmo o que parece válido foi submetido a uma rigorosa avaliação das fontes (RIPOSATI, 1978, p. 58).

Há duas tradições válidas dos *lupercos*. A primeira afirma que as *Lupercalia* na sua origem eram uma festa na qual eram feitos sacrifícios em honra do deus *Lupercus*, que se realizava no dia 15 de fevereiro na Gruta *Lupercal*, na cidade *Palatina*, e essencialmente era uma cerimônia purificadora, já que *februatio* em grego significa purificação, donde derivou *februarius*, mês em que ocorriam as festas ditas “purificadoras”. Conforme a segunda tradição, os sacrifícios eram dedicados ao deus *Februus* e à deusa *Juno Februa* (ou *Februata*, *Februalis*, *Februli*<sup>3</sup>), e ocorriam entre 13 e 21 de fevereiro os *dies ferales*, consagrados aos *Manes*, deuses dos mortos; e o nome das cerimônias seria *Februa*.

A primeira tradição considera que se trata de uma festa de purificação porque ela acontecia em fevereiro (*februarius*), mês dedicado às cerimônias de expiação. E a outra tradição afirma as *Lupercalia* como data comemorativa dos mortos, já que *februarius* teria sido assim chamado por causa dos deuses *Manes*, porque, segundo *Sérvio* (G. 1, 43), “*Februus* é pai de *Dite*, deus ao qual eram oferecidos sacrifícios nesse mês [fevereiro]” (apud RIPOSATI, Idem, p. 58). Sobre *Dite* *Cícero* (*Nat. Deor.*, 2, 66) diz: “(...) a energia telúrica bem como a natureza foram consagradas ao Pai *Dite*, que é denominado *Rico*, como entre os gregos *Plutão*, porque fazem que tudo retorne ao seio da terra e dela renasça” (apud BRANDÃO, 1993, p. 93). E *Februa* é um epíteto da deusa *Juno* porque possivelmente tenha sido mulher de *Februus* e uma divindade infernal. E então em fevereiro – pela segunda tradição – se purificava a cidade apaziguando os mortos com oferendas e sacrifícios.

*Varrão* conhece essa segunda versão, como se vê aqui: “se chama *Februarius* por causa dos deuses infernais, porque durante esse mês a esses são feitos sacrifícios”, porém, acrescenta na sequência: “na minha opinião, considero que *Februarius* vem de *dies februatus* (dia de purificação) porque nesse mês o povo se purifica (*februatur*), isto é, estando nus os *Lupercos*, é purificada a antiga cidade *Palatina*”

---

<sup>3</sup> Esses epítetos aparecem em *Festo*, em *De Verborum Significatu* “Sobre a significação das palavras”.

rodeada por grande multidão de pessoas” (DLL, VI, 34). Na verdade, ele utiliza essa primeira afirmação como recurso para enfatizar o seu ponto de vista: *februarius* vem de *dies februatus*, porque esse é o mês em que ocorriam as expiações, as purificações. E em outro passo afirma que *Februatio* (= *purgamentum*, em latim) seria derivado de *februm*, palavra Sabina (DLL, VI, 13). Um dado importante sobre a influência do sabino na língua grega, e nas instituições sacras romanas, que só se tornou conhecida por meio de Varrão.

Os estudos de Varrão foram muito importantes na reconstrução das Lupercalia, nos quais ele especifica a natureza dos *sacra* (cerimônias religiosas): trata-se de uma *februatio*, quer dizer, uma cerimônia de purificação. A partir de suas constatações essa tese da *februatio* – como diz Riposati – foi consagrada e veio a se tornar tradicional. “Não conheço outros que, antes dele, tenham falado disso”, afirma Riposati.

Munidos dessas informações muitos escritores que estudaram sobre o assunto puderam confirmar, com o aprofundamento de suas pesquisas, elementos do cerimonial religioso dessa festa – mesmo que Varrão não tenha chegado a reconstruir a trama dessa cerimônia.

Plutarco é um deles e é considerado “um dos canais mais ricos dos elementos descritivos” (RIPOSATI, 1978, p. 62) das Lupercalia. Segundo ele, “as Lupercalia são consideradas faz tempo cerimônias ‘limpadoras’, ou melhor, ‘purificadoras’ que ocorriam no mês de fevereiro, dito por isso ‘lustral’ e antes já ‘februato’ (Rom. 21, apud RIPOSATI, Idem, p. 62). E ainda diz: “o próprio mês, no qual ocorrem, se chama *Februarius*, que tome o nome de ‘purificar’ (‘purgar’), e o dia de *dies Februatus* porque *februatio* significa *purgamentum* (purificação)” (Quaest. Rom. 68, ibid, ibidem).

Nota-se aqui quase *ipsis litteris* o que disse Varrão. E isso se percebe, por exemplo, também em Ovídio: “os antepassados romanos disseram *februa* as expiações” (2, 19). E ainda em Festo: “foi denominado o mês [de fevereiro] porque então (...) o povo fizesse expiações religiosas, isto é, se purificasse (...), isso na verdade porque o que se purifica se diz *februatus*” (in DVS, apud RIPOSATI, p. 62). As informações de Varrão foram muito importantes para as pesquisas de todos esses escritores, além de Sêrvio, Nônio e muitos outros.

Plutarco em seus estudos traz uma informação extremamente importante sobre as Lupercalia. Diz ele: “o nome da festa em grego significa (Lycaea) e por isso parece muito antigo, importado dos ‘Árcades de Evandro’”. Esse dado fortalece a ideia de festa purificadora e ainda esclarece um pouco sobre o porquê da importância, e da força, da primeira tradição na história das origens dessa festividade.

Evandro – conforme a mitologia greco-romana – teria introduzido no Lácio essa cerimônia grega. Ele havia sido expulso da Arcádia possivelmente por ter matado seu próprio pai e chegando à Itália, na margem esquerda do rio Tibre, recebeu de presente dos aborígenes locais o monte Palatino e ali fundou uma cidade à qual chamou de *Pallanteo*, onde teria reinado com equidade e transmitido a esses aborígenes o conhecimento da escrita, da música e técnicas agrícolas. E teria introduzido várias divindades arcádias, como o Pã Lício, em cuja honra ele instituiu as Lupercalia, festas em que se celebrava o deus *Lupercus* (*luprum-arceo*) ou Faunus (BRANDÃO, 1993, p. 119-120), sendo “bem possível até mesmo que Fauno e Luperco sejam epítetos de um mesmo deus (Idem, p. 133).

Conforme Junio Brandão, Fauno corresponderia a *fauens*, do verbo *fauere*, “o que protege o crescimento das plantas e dos rebanhos”. E como a sua festa celebrava-se no dia 15 de fevereiro nas Lupercalia, confundindo-se por isso mesmo parcialmente Fauno com Luperco, aventou-se a hipótese de uma afinidade com o grego (thaûnon: theríon), “animal selvagem”, e nesse caso Fauno seria um antigo deus-lobo. Com o tempo, o deus Fauno foi decaindo, mas a personalidade divina do “deus dos bosques e dos rebanhos” permaneceu, mas multiplicou-se: os Fauni transformaram-se na época clássica em *gênios*, *demônios* dos campos, dos bosques e das florestas, equivalentes a Pã (BRANDÃO, 1993, p. 134).

Tudo o que foi dito sobre aspectos da cerimônia dos lupercos quer comprovar que a etimologia de *lupercus* como composto de *lupus* e *arceo* por analogia a *nouerca*, que, dentre outras, aparece em Ernout & Meillet, é realmente a mais concebível. Primeiro porque a origem dessa festividade é grega, “muito antiga, importada dos ‘Árcades de Evandro’”, como afirma Plutarco explicando que o nome dela em grego é “Lycaea” (como uma loba), cerimônia muito misteriosa em que homens se transformavam em lobos. Assim se explicaria o aspecto semântico.

O aspecto morfológico, da formação de palavras, explica-se de outra maneira. A partir de *nouerca* (*noua* + *arceo*) foi formada a palavra *lupercus* (*lupus* + *arceo*) por analogia. O sentido é diferente porque o verbo *arcere* não possui um único significado, ele apresenta outras acepções, como a grande maioria das palavras. *Nouerca*, segundo Festo, “é a nova mulher com a qual se casa um homem depois de ter perdido os filhos, para continuar uma família”. Portanto, na formação *noua* e *arceo* o verbo quer dizer “tomar”, isto é, tomar uma nova mulher como esposa. Já *lupercus* significa “aquele que afugenta os lobos”, logo em *lupus* e *arceo* o verbo tem a acepção de “afugentar”. Ou seja, *lupercus* foi formado por analogia a *nouerca* pela forma. O que é perfeitamente concebível, pois, segundo Michel Bréal, “em todas

as línguas algumas palavras que, aproximadas pelo sentido, foram também aproximadas pela forma” (BRÉAL, 1992, p. 58).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri, e II, Tradução de Eduardo Guimarães *et alii*. Campinas (SP): Pontes, 1995 e 2006 (respectivamente).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana**. Rio de Janeiro/ Brasília: Vozes/ UnB, 1993.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica – ciência das significações**. Tradução de Aída Ferrás *et alii*. São Paulo: PUC/ Pontes, 1992.

DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de Linguística**. Tradução de Frederico P. de Barros *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. **Dictionnaire Étymologique de la langue latine: histoire des mots**. 4<sup>a</sup> ed., Paris: Klincksieck, 1967.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa**. 5<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.

RIPOSATI, Benedetto. “I ‘Lupercali’ in Varrone”. In: COLLART, Jean. **Varron Grammaire Antique et Stylistique Latine**. Paris: Les Belles Lettres, 1978, Série Études, tome 14, p. 57-70.

RUY, Maria Lucilia. **De Verborum Significatu: análise e tradução**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (UDP), 2012.

SILVA, Amós Coêlho da. **Os Gramáticos romanos e a herança grega**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1992.

\_\_\_\_\_. **O dicionário nas entrelinhas de pesquisas**. Mimeo, 2014.